

# ENUNCIADO METAMORFOSEADO: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN E VOLOCHÍNOV PARA ESTUDO DO CARTAZ DE ROSIE

Lícia Bahia Heine \*

Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales \*\*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo esclarecer como um enunciado se metamorfoseia em outro, tornando-o único, provocando sentidos diferentes, conforme a situação, o contexto e seus interlocutores. Isso ocorre porque acreditamos que um enunciado se transforma sempre em outro, transcendendo a referência inicial pretendida pelo seu autor. O cartaz de Rosie, criado no período da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, possibilitou construção de outros enunciados em épocas, lugares e contextos distintos, assumindo, pois, a interação e a responsividade dos sujeitos sociais. Desse modo, o estudo dos enunciados perpassa por índices substanciais que precisam de uma atenção maior para sua análise como: a situação, o contexto e o interlocutor. Por isso, adotaremos a metodologia para análise do enunciado baseada nos três fatores de compreensão do enunciado citado por Volochínov: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores, (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação. Assim, este artigo analisará o enunciado cartaz de Rosie, publicado na década de 1940 e sua metamorfose nas campanhas feministas na década de 1970. Essa análise teve como fundamentação teórica os estudos de Bakhtin e Volochínov, bem como as reflexões teóricas de Brait e Heine.

**Palavras-chave:** Enunciado bakhtiniano. Cartaz de Rosie. Linguística Textual.

## METAMORPHOSED STATEMENT: BAKHTIN AND VOLOCHÍNOV CONTRIBUTIONS TO ROSIE'S POSTER STUDY

**Abstract:** This paper aims to clarify how one utterances metamorphoses into another, bringing about different meanings, according to the situation, the context and its interlocutors. This is because we believe that one utterances always transforms into another, transcending the initial reference intended by its author. Rosie's poster created during the Second World War in the United States made it possible to bring about other utterances at different times, places, and contexts, thus assuming the interaction and responsiveness of social subjects. Thus, the study of utterances encompasses substantial indices that need greater attention to their analysis, such as the situation, the context and the interlocutor. Therefore, to carry out the analyses of the utterances we will adopt the methodology based on the three factors of understanding of the utterance mentioned by Volochínov: (a) the common space horizon of the interlocutors, (b) the knowledge and common understanding of the situation by the interlocutors, and (c) their common assessment of this situation. Thus, this article will analyze the Rosie poster utterances published in the 1940s and its metamorphosis in the feminist campaigns in the 1970s. This analysis was based on theoretical studies by Bakhtin and Volochínov, as well as in the studies of the researcher Brait and Heine.

**Keywords:** Bakhtinian statement. Rosie poster. Textual Linguistics.

### 1 Conceitos preliminares: enunciado e texto

Como o enunciado ou o texto se tornam materialidade discursiva? A resposta vai depender das fundamentações teóricas adotadas. Por isso, nesta seção, trataremos

uma reflexão sobre os conceitos de enunciado e texto com base nos estudos de Bakhtin, Volochínov, nas reflexões de Brait (2013, 2016) e nos estudos contemporâneos da Linguística Textual (LT) da Linguística Textual (LT) que concebem o texto não mais como produto acabado, mas como evento dialógico, semiótico, abarcando os diversos signos sociais (HEINE, 2014, 2018a, 2018b).

Quando estamos numa conversa informal, criamos textos/enunciados, pois formulamos ideias, nos apropriamos de outras, reformulamos, mudamos, construímos e reconstruímos conceitos ao mesmo tempo, tudo isso ocorre dentro de uma organização linguístico-discursiva. Todo esse processo se realiza constitutivamente num texto/enunciado oral/escrito. Assim entendido, texto e enunciado estão na mesma instância discursiva para os novos estudos da Linguística Textual, como explicaremos a seguir.

Bakhtin, alicerçado nos seus princípios discursivos, pauta-se na tese: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Portanto, quando ele assevera que o enunciado é concreto, Bakhtin deixa claro, de modo incisivo, que se trata de um fenômeno linguístico-discursivo, gerado no seio dos diferentes campos da atividade humana, e, assim processado, carrega uma multidão de fios ideológicos que emanam das esferas sociais, ou seja, o enunciado se constitui de valores sócio-históricos, não sendo, pois, como afirma Fiorin, “[...] uma frase a que se acrescentam as informações extraídas da situação comunicativa.” (FIORIN, 2002, p. 168).

O enunciado é a unidade da comunicação discursiva, ou melhor dizendo, unidade real da comunicação de um falante de carne e osso, e não de um falante ideal ou de um social abstrato, respectivamente, em Chomsky e Saussure; daí, o enunciado constituir-se em um fenômeno concreto, único e individual. Esse último traço, o individual, não deve ser interpretado em oposição ao social, porém como um ato discursivo proferido por um ser humano concreto, que se refere à singularidade do existir; trata-se de um sujeito responsivo, ativo, concreto das práticas sociais, que se constrói eminentemente a partir de vozes diversas, sendo, pois, socioideológico, mas também individual, visto que, em qualquer enunciado, é possível captar um querer dizer do seu locutor, trazendo à baila a sua intencionalidade (HEINE *et al.*, 2014).

Quanto à concepção de texto, Bakhtin chegou a lhe atribuir o *status* de objeto de estudo das Ciências Humanas, excluindo-o, pois, da Linguística, cujos pressupostos teóricos se restringiam, à época, à *langue* (língua) saussuriana, entidade abstrata, homogênea e supra-individual, tendo, metodologicamente, como limite de análise a sentença, unidade formal na qual se analisa o código linguístico, apenas. Assim, para Bakhtin, o texto é o objeto de estudo das Ciências Humanas:

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem, em sua especificidade humana, sempre exprime a si mesmo (fala), isto é cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 307-308).

Ainda sobre a discussão de texto e enunciado, Barros (2007), parafraseando as ideias de Bakhtin, afirma que o texto apresentaria as seguintes características: seria concebido como uma entidade que significa, deixando claro que as Ciências Humanas se preocupam com os processos de significação, e não com o sistema linguístico imanente; seria uma entidade constitutivamente dialógica, alicerçada em um contexto *lato sensu*, que abarca o histórico, o social, o cultural etc., trazendo à baila o falante responsivo, que age ativamente em um ato axiológico de linguagem.

Desse modo, considerando que o momento sociocognitivista (KOCH, 2004), e, embora reconhecendo a grande importância dos seus mecanismos mentais na execução de ações textuais, o que lhe possibilitou contribuir, de forma singular, para o processamento do texto como um todo, observamos, por outro lado, que o referido momento da LT apresenta, lacunas que, levadas a cabo, permitem-nos sugerir uma nova fase da LT. Como ilustração, citam-se: apego à materialidade linguística, visto que não considera os signos não verbais enquanto elementos constitutivos da referência; análise ainda presa ao contexto linguístico *stricto sensu*, em virtude de suas explicações relativas às anáforas indiretas sobretudo que recorre ao contexto; ausência dos aspectos socioideológicos nas suas análises; repetição contínua de algumas estratégias da tessitura textual, a exemplo do enfoque dos Princípios de Textualidade, que vem sendo interpretado sempre do mesmo modo, independentemente da fase a que se está trabalhando (KOCH, 2004, 2010; MARCUSCHI, 2008-).

O objetivo deste artigo é trazer possibilidades de tornar a Linguística Textual efetivamente mais discursiva, busca da própria disciplina que, desde a sua instauração, vem apresentando diferentes fases (análise transfrástica, gramática textual, teoria do texto e a perspectiva sociocognitivo-interacionista), objetivando, cada vez mais, o seu afastamento em relação à linguística formal; contudo, apesar do seu momento sociocognitivo-interacionista, ainda se presenciam resquícios do referido formalismo. Diante dessa constatação, a LT contemporânea discute, conforme Heine (2011, 2014, 2018a e 2018b), a instauração de uma nova fase da LT, denominada provisoriamente de Fase Bakhtiniana, assim identificada por alicerçar-se em alguns dos pressupostos teóricos do filósofo russo Mikhail Bakhtin, que lhe dão ideias que norteiam um conceito de texto que pode possibilitar as pesquisas da LT a se desvencilharem, sobremaneira, das mazelas da microlinguística. Essa nova fase busca alicerce em uma filosofia que contemple efetivamente a situacionalidade de todo o fenômeno linguístico, oriundo, conseqüentemente, axiológico das práticas sociais, semiótico e munido, de aspectos sócio-históricos.

A fase bakhtiniana, apesar de concordar com as diversas acepções de texto presentes na LT – que o concebem enquanto processo, e não produto, sugere outro conceito para tentar contemplar algumas das suas lacunas, tendo em vista que o texto vem se metamorfoseando, em função sobretudo de um novo olhar para o uso da internet e das redes sociais.

Considera-se o texto como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.). Assim compreendido, apresenta-se constituído de duas camadas que se imbricam mutuamente: a camada que pode constituir-se da linguagem verbal, da linguagem verbo-visual, ou ainda da linguagem não verbal, efetivando-se ou não de princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) que vão alicerçar a construção desses sentidos. (HEINE, 2018, p. 18-19).<sup>1</sup>

O texto enquanto evento dialógico deve ser considerado um enunciado nos termos bakhtinianos, ou seja, um enunciado-texto que:

[...] “só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em formas de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. (BAKHTIN, 2010, p. 274).

Na abordagem da LT bakhtiniana, não há espaço para a compreensão do texto enquanto cotexto, haja vista o mesmo constituir-se numa entidade ideal, fora das práticas discursivas; nesse sentido, o texto representa uma imagem homogênea, estável, traço inadmissível na medida em que a heterogeneidade está inscrita na sua própria natureza. Essa concepção de cotexto sugere a ocorrência de textos abstratos, centrados no código linguístico fora da língua em uso, permitindo, conseqüentemente um liame com o formalismo linguístico, não somente ligado à face saussuriana do Curso de Linguística Geral, mas também ligado ao falante ideal de Chomsky (HEINE, 2016). Portanto, para a Fase Bakhtiniana, em nenhuma situação, não existe possibilidade de ocorrência do cotexto, porque o texto estará sempre prenhe de questões sócio-históricas, devendo, conseqüentemente, ser concebido como um evento dialógico nos termos bakhtinianos.

Alguns pesquisadores dos estudos de Bakhtin têm enfatizado a definição de enunciado como interação social. Brait (2013), no seu texto intitulado *Enunciado/enunciado concreto/enunciação*, faz um levantamento como os termos, trazidos em seu título, aparecem nas obras de Bakhtin e seu Círculo. Nesse ensaio, a autora afirma que não há um consenso sobre os conceitos de enunciado/enunciação, havendo uma “polissemia de definições e empregos” (BRAIT, 2013, p. 62).

Segunda a referida linguista (BRAIT, 2013), no decorrer da história, esses termos foram adquirindo sentidos diversos de acordo com sua linha de pesquisa. Para algumas teorias, o enunciado equivale à frase, esta é vista como uma sequência de palavras a qual se estrutura segundo a sintaxe, portanto, passível de uma análise fora do contexto, isto é, fora da situação real da enunciação. Para Bakhtin (2011), a oração é uma unidade da língua de natureza gramatical, não tem contato imediato com a realidade, isto é, com a situação extraverbal, portanto, não há relação imediata com enunciados alheios, impossibilitando a capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do *outro* falante. Ainda sobre o enunciado, a autora se posiciona da seguinte forma:

Em outras teorias, o enunciado é uma unidade de comunicação, unidade de significação e, portanto, analisado dentro do contexto extralinguístico. Assim, estudos pragmáticos começam a diferenciar frase (isolada) de enunciado (unidade de comunicação contextualizada). Essa perspectiva pragmática traz para sua análise o contexto imediato. Nas palavras de Brait (2013, p. 63), a pragmática ganha espaço na análise dos enunciados cujo entendimento perpassa pelos conceitos de inferência e contexto. A autora continua sua exposição sobre a concepção de texto e enunciado, informando que, além do trabalho desenvolvido pelas diferentes pragmáticas, também outros estudos considerados transfrásicos de diversas procedências, procuram explicar a natureza do enunciado, apresentando-o, em geral, como uma espécie de texto. Outras propostas teóricas, entretanto, vão opor enunciado a texto, como é o caso da Linguística Textual. Também nas diferentes Análises do Discurso, especialmente as de vertente francesa, o conceito de enunciado vai aparecer, em geral, em oposição a discurso. (BRAIT, 2013, p. 64).

Das considerações contidas no excerto textual citado, faz-se mister refletir sobre a Linguística Textual, na medida em que Brait assevera que a LT estabelece oposição entre enunciado e texto. Essa declaração demonstra estar alicerçada nos estudos referentes às primeiras fases da LT, quais sejam: fase transfrástica e gramática de texto, momento de transição entre o formalismo e funcionalismo linguístico, que, à época, envolveu discussões, buscando um melhor entendimento dos fenômenos pragmáticos, voltados para a linguagem e seu uso. A LT, nas suas primeiras reflexões, ainda apresentava ranços estruturalistas fazendo que muitos pesquisadores concebessem o texto enquanto contexto, centrado na imanência do sistema linguístico. Tendo, como ponto central, uma “[...] lingüística transfrástica com um predomínio de análise de estruturas e aspectos formais.” (MARCUSCHI, 2003, p. 3); assim pautada, nessas fases da LT, o texto se distanciava do enunciado, entidade eminentemente discursiva que não endossa o sistema linguístico que exclui o sujeito e o seu arcabouço sócio-histórico, postura teórica não mais aceita nos estudos contemporâneos da Linguística Textual, sobretudo de cunho bakhtiniana, como dito anteriormente. Esses estudos mais recentes ampliam o conceito de texto, reconhecendo-o como enunciado na perspectiva bakhtiniana (ideológica-discursiva), sendo visto, como evento dialógico, semiótico, oriundos das práticas sociais (HEINE, 2017).

Faz-se mister explicar que quando dizemos que o texto deve ser compreendido como enunciado bakhtiniano, não estamos asseverando que o tratamento dado pela LT ao texto seja o mesmo dos estudos bakhtinianos. A nossa acepção de texto se

apoia na concepção de linguagem de Bakhtin, para quem “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias etc.).” (BAKHTIN, 1997, p. 124). Endossamos, conseqüentemente, seus conceitos nucleares: linguagem como atividade responsiva, fenômeno social, interativa, ideológica, oriunda do seio social; daí, não postulamos que ao texto se acresce o contexto, seja ele imediato ou mediato, visto que lhe são constitutivos, devendo, pois, ser analisado na sua integridade concreta e viva, a partir dos seus aspectos sócio-históricos. Esse alicerce não nos leva a eliminar o nosso objeto de estudo, o texto, mas a tratar a sua tessitura textual consoante a referida base filosófica.

Diante das reflexões trazidas neste artigo, entendemos que texto, evento eminentemente semiótico, seja proferido por realidades sincréticas, constituídas por diferentes linguagens (gestual, verbal, visual, etc), são fenômenos constituintes da interação social. Assim concebido, citamos Bakhtin:

[...] o enunciado é uma *real unidade* da comunicação discursiva e só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em formas de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2010, p. 274).

A seguir, analisaremos o enunciado Cartaz de Rosie publicado na década de 1940 e sua metamorfose nos anos 70 do século XX.

## **2 Análise do enunciado cartaz de Rosie**

Este artigo baseou-se na concepção de enunciado, pautado em alguns pressupostos teóricos de Bakhtin para analisar os seus sentidos metamorfoseados no “cartaz de Rosie”. Primeiro, analisaremos o cartaz que circulou na década de 1940, depois, sua metamorfose nas campanhas feministas na década de 1970.

Fazer um estudo de enunciado realizado em diferentes tempos é pensar em possibilidades de sentidos conforme o contexto mediato e imediato que envolve fatores ideológicos, sócio-históricos e seus interlocutores. Dessa forma, analisaremos os enunciados conforme os três fatores propostos por Voloshínov (1976) no texto: *Discurso na vida e discurso na arte* - sobre poética sociológica. Nesse estudo, o

enunciado é compreendido por: o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível); o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e sua avaliação comum dessa situação. Há, portanto, o processo interativo entre o verbal e não verbal que interagem a situação (BRAIT, 2013).

Primeiro, vamos entender como analisar um enunciado proferido em distintas épocas e, portanto, metamorfoseado. Esse processo de transformação de um enunciado para outro, tornando-os únicos, ocorre por conta dos fatores que envolvem a enunciação: a situação, o contexto imediato, o contexto mediato e os interlocutores. Assim, cada enunciado é proferido em circunstâncias e estruturas diferentes: (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores, (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação. O que os tornam distintos, singulares. Nessa análise, o contexto, o horizonte espacial comum dos interlocutores, é primordial. Depois, analisaremos os fatores ideológicos contidos nos enunciados, pertencentes ao conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores e, por fim, discutiremos a avaliação comum dessa situação. Segue o enunciado Cartaz de Rosie:

**Figura 01** - Cartaz de Rosie



Fonte: Rosie, a Rebitadora (foto: wikimedia commons)

Segundo pesquisa de Presse (2018), a imagem que promovia o trabalho das mulheres durante a Segunda Guerra Mundial foi brevemente colocada em fábricas americanas em 1943, para combater o absenteísmo e desencorajar convocações para



greve. Nessa mesma reportagem, o autor informa que tempos depois, esse enunciado se tornou ícone do movimento feminista. A esse processo ao qual denominamos de enunciado metamorfoseado ocorre porque todo enunciado é único, ou seja, ele se metamorfoseia, assegurando novos sentidos conforme o contexto, os interlocutores e seus aspectos histórico-ideológicos.

O enunciado verbo-visual apresenta uma mulher vestida com um macacão representando o trabalho corporal, geralmente, na década de 1940, praticado pelos homens. Na cabeça, uma bandana de bolinha, representando o espaço feminino nos afazeres domésticos, o cuidado com a beleza e o corpo. A mulher posa de lado mostrando o bíceps direito, num gesto de força. Acima dessa imagem, há um balão de fala com o seguinte dizer “*We can do it!*”, traduzindo para o português seria “Nós podemos”. Analisaremos esse enunciado no primeiro contexto: a Segunda Guerra Mundial.

No primeiro item da análise - o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível) mostra o enunciado divulgado em 1943 num contexto social em que todos os cidadãos e cidadãs deveriam participar da guerra direta ou indiretamente para ajudar os Estados Unidos num sentimento patriota. A expressão verbal colocada no cartaz: “*We can do it!*” pode ser interpretada como um apelo ao espírito patriota, buscando pessoas, neste caso específico, as mulheres, para substituir os homens nas fábricas, apenas isso. Não pretendia mostrar uma possibilidade de ascensão social das mulheres, ao contrário, o não-dito declara que as mulheres são frágeis, não são feitas para assumir um trabalho nas fábricas, por isso, mostra-se a mulher com o bíceps à mostra enfatizando uma condição momentânea de força para trabalhar como os homens. Diante do contexto social-histórico, o país precisava convocar as mulheres para substituir, provisoriamente, os homens que estavam em batalha e a mão de obra estava escassa. Ao proferir “*We can do it!*”, não se tratava do empoderamento feminino, mas de um discurso em que as mulheres eram vistas no seu espaço doméstico, não assumiriam cargo de chefia em empresas, mas diante do contexto da guerra, qualquer ajuda seria bem-vinda. Assim, não há como analisar qualquer enunciado, em especial “*We can do it!*” fora do seu contexto imediato bem como do seu contexto mediato.

Fica evidente que o contexto mediato e imediato é constitutivo ao enunciado, portanto, a expressão viva não está limitada à imanência do sistema linguístico, mas

aos fenômenos sócio-históricos, munidos de ideologia. Segundo a redação do site *hypeness* (2017), o cartaz de Rosie foi publicado na década de 1940, patrocinado pelo Comitê de Coordenação de Produção da Guerra dos EUA, tinha como contexto social a Segunda Guerra Mundial. Descrevendo esse contexto, de um lado, estavam os países considerados as potências do Eixo: Alemanha, Itália e Japão, do outro, os países que se aliaram contra a guerra: Estados Unidos, a União Soviética, o Reino Unido (Grã-Bretanha), França, China e Brasil. Diante desse contexto histórico-social, os países aliados enviavam soldados recrutados para a guerra o que causou um desfalque no mercado industrial, ficando as mulheres para suprir essa carência.

Dessa forma, esse enunciado, publicado pelos norte-americanos, tinha como intenção chamar as mulheres para o trabalho industrial, uma vez que os homens estavam em combate na Segunda Guerra Mundial. Não se tratava de um empoderamento feminino, pois o que se pretendia era suprir a ausência de mão de obra do trabalho industrial deixada pelo excesso de alistamento do sexo masculino de forma generalizada.

Todo enunciado se dirige para alguém e é proferido por alguém, logo, ele tem destinatário e autor. Nessa interação, o destinatário pode ser também o *outro* não concretizado, um *sobredestinatário*. Por isso, Brait, parafraseando Bakhtin, diz que para compreender a composição e o estilo dos enunciados são importantes perguntas como: “A quem se dirige o enunciado? [...] Como o locutor percebe e imagina seu destinatário? [...] Qual a força da influência do destinatário sobre o enunciado?” (BRAIT, 2013 p. 72).

Diante desses questionamentos, passemos para o segundo item da análise, o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores. Este item está intrinsecamente ligado ao primeiro, pois o conhecimento comum dos interlocutores envolve a situação vivida durante a Segunda Guerra Mundial; momento de incertezas, mas de determinação e colaboração por parte dos Aliados com um único propósito de acabar com a crueldade instalada por Hitler e o Eixo. O enunciado se dirige às mulheres que não trabalhavam nas indústrias. O locutor do enunciado pressupõe as mulheres em situação inferior aos homens e, por isso, precisa encorajá-las para trabalharem nas indústrias. Ao examinarmos os aspectos não verbais, como os bíceps da mulher à mostra, a expressão facial séria, percebemos a intencionalidade de influenciar as mulheres a assumirem trabalhos nas fábricas. Esse dizer apresenta

uma ilusão para as interlocutoras, no caso, as mulheres. Pois, para elas, o reconhecimento da sociedade do seu trabalho e sua importância era importante para o empoderamento da mulher no mercado de trabalho. No entanto, esse argumento é incompatível à época com a valorização da mulher, pois era apenas para substituir momentaneamente os homens.

Dessa forma, o aspecto ideológico presente no cartaz de Rosie se volta, sobretudo, para uma ilusão de empoderamento, pois a mulher ainda era vista como subalterna ao homem, numa sociedade machista e patriarcal em que determinava as regras e as concessões, como a chamada no cartaz de Rosie, convocando as mulheres para assumirem espaços liderados por homens, no trabalho industrial, mas provisoriamente.

No terceiro item, a análise do enunciado busca estabelecer uma avaliação comum da situação. O enunciado, publicado num contexto da Segunda Guerra Mundial, apresenta ainda um discurso de concessão ao direito de a mulher assumir trabalho nas indústrias para suprir a falta da presença masculina. Logo, o enunciado traz uma visão limitada dos espaços em que a mulher pode ocupar na sociedade. Diante do contexto sócio-histórico da Segunda Guerra Mundial, as mulheres não assumiriam trabalhos de liderança, mas de subordinação.

### **3 O cartaz de Rosie: um enunciado metamorfoseado**

Acreditamos que não há um discurso adâmico<sup>2</sup>, pois o discurso se constrói com base em outros. Desse modo, um enunciado pode se metamorfosear em outro, ultrapassando o limite espaço temporal, a exemplo do Cartaz de Rosie que iremos analisar na perspectiva bakhtiniana.

Esse enunciado foi criado, como dissemos anteriormente, em plena Segunda Guerra Mundial por autores americanos. Na época, a intencionalidade do enunciado era convocar as mulheres para assumir trabalhos industriais ocupados por homens que foram recrutados para a guerra. Após 30 anos, esse enunciado se metamorfoseia para ser um dos símbolos do movimento feminista, em um outro contexto social e ideológico.

Para analisar esse enunciado metamorfoseado, ressaltamos que, apesar de trazer elementos idênticos, ele deixa de ser aquele expresso na década de 1940 e

passa a ser um outro enunciado, em outro contexto, com outros fatores ideológicos e, portanto, único, mesmo procedendo do enunciado proferido durante a Segunda Guerra Mundial. Nas palavras de Bakhtin e Volochínov, “[...] cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 79).

Essa metamorfose ocorre porque somos seres mutáveis e vivemos em sociedade que se transforma a cada época, com seus valores axiológicos, suas ideologias. Somos feitos por discursos inacabáveis em busca de uma verdade ilusória. A todo instante nos metamorfoseamos conforme interagimos com o outro como numa rede de informações, esse processo é infinito, contínuo, pois estamos nos modificando e modificamos alguém. Nesse sentido, veja-se a citação a seguir.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128).

Nessa citação, os autores reafirmam que a comunicação é ininterrupta e, por isso, surge uma cadeia de possibilidades para o segmento de outros enunciados, portanto, qualquer enunciação é apenas uma fração de um universo de contingência da comunicação verbal. Ao afirmar esse ponto de vista, eles ressaltam a importância da relação entre a interação concreta e a sua ocorrência no seio social, como expresso no trecho:

Um importante problema decorre daí: o estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralinguística - não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. Essas relações tomam formas diversas, e os diversos elementos da situação recebem, em ligação com uma ou outra forma, uma significação diferente (assim, os elos que se estabelecem com os diferentes elementos de uma situação de comunicação artística diferem dos de uma comunicação científica). A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse veículo com a situação concreta. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128).

Por isso, a análise do próximo enunciado será feita com base no contexto social ao qual o enunciado passa a pertencer.

O cartaz com a ilustração de Rosie, apesar de ter surgido no período da Segunda Guerra Mundial, traz, no contexto social da década de 1970, sentidos diferentes da década de 1940, ou seja, o enunciado é dito em outro contexto, com outra realidade e assume outro sentido. O código verbal: "*We Can Do It!*", se analisado fora do contexto de uso, será visto apenas em seus aspectos morfológicos e sintáticos, desconsiderando o valor axiológico, pois ele só terá sentido axiológico quando atravessado pela ideologia. Por isso, o enunciado do cartaz de Rosie, analisado em seu contexto social da década de 1970, possui o sentido ideológico do empoderamento feminino, pois apresenta signos semióticos (verbais e não verbais) que mostram o poder da mulher no mercado de trabalho. São os mesmos signos, porém, ideologicamente diferentes.

Os bíceps à mostra ganham sentido de empoderamento, ou seja, de participar socialmente dos direitos concedidos apenas aos homens. Portanto, as mulheres estão dispostas a lutar por espaços reservados apenas para os homens como nos campos sociais, políticos e econômicos.

Segundo site *mulherlider*, "Em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras exerciam alguma atividade remunerada. Quarenta anos depois, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, cerca de 53% das mulheres trabalhavam com carteira assinada." Diante desse contexto social, percebe-se a inquietação feminina pela equidade social. Nasce, portanto, o símbolo do empoderamento feminino e assim outros enunciados surgem usando a intertextualidade como os ilustrados a seguir.

**Figura 02** – Releitura do Cartaz de Rosie



Fonte: Site Benditas Mulheres. Disponível em: <<http://benditabf.com.br/2015/06/20/we-can-do-it-inspiracao-feminista/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

Nesses enunciados, há indígena, branca e negra, mulheres que representam sua etnia e lutam pelo reconhecimento feminino na sociedade. Há também representantes ativista como Malala Yousafzai e a pintora Frida Kahlo. Em outro enunciado, há três representantes: a escritora Simone de Beauvoir, a antropóloga Lélia Gonzalez e Kahlo. Exemplos que dão outros sentidos aos anteriores, pois cada enunciado é único e contém sua significação própria. Consideremos a seguir outra ilustração:

**Figura 03 - Cartaz de Rosie 2**



Fonte: Site Benditas Mulheres. Disponível em: <<http://benditabf.com.br/2015/06/20/we-can-do-it-inspiracao-feminista/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

Esse enunciado apresenta um discurso de lugar de fala das mulheres, reforçando a ideia de igualdade de gênero, desta vez, com a expressão “He can do it”, trazendo o homem para o espaço feminino. Cria-se um efeito de sentido em que o homem também pode assumir os afazeres do lar e sua responsabilidade paterna. Na descrição do enunciado verbo-visual, há a figura masculina na mesma postura da de Rosie, porém carregando um bebê nos braços. Além disso, ele está com a mesma bandana vermelha de bolinhas brancas na cabeça e na mão direita uma luva higiênica segurando uma vassourinha e uma pá de lixo. Esses símbolos representam o trabalho doméstico antes assumido pelas mulheres, mas agora podem ser assumidos pelos

homens, bem como o bebê nos braços que representa a responsabilidade paterna no cuidado com o filho.

## **Considerações finais**

Este artigo trouxe a discussão entre texto e enunciado na Linguística Textual, apresentando pesquisas mais recentes em que concebe o texto não apenas na sua imanência linguística, pois ele apresenta aspectos sócio-histórico e ideológico por isso para os estudos da LT o texto pode ser considerado um enunciado nos moldes do pensamento Bakhtiniano.

Dessa forma, a análise dos enunciados metamorfoseados no “cartaz de Rosie”, pautou-se em alguns pressupostos teóricos de Bakhtin e nos três fatores de compreensão do enunciado citado por Volochínov (1976): (a) o horizonte espacial comum dos interlocutores, (b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação.

O cartaz com a ilustração de Rosie foi dito de várias formas conforme a intencionalidade de seus emissores, assim, torna-se um enunciado único, mostra a não neutralidade da língua, pois o dizer é carregado de significado, considerando seus aspectos ideológicos, sociais e históricos.

Segundo Bakhtin e Volochínov, “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...]”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 125). Portanto, os enunciados se metamorfoseiam conforme o contexto vivido pelos indivíduos, pelos fatores ideológicos envolvidos no seio social.

## **Notas**

\* Lícia Bahia Heine possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1981), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1991) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente é professora titular da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, atuando principalmente nos seguintes temas: fala, escrita, gêneros textuais, texto, discurso, ideologia, sentido, gramaticalização e anáfora, referência retomada e cognição. E-mail: liciaheine@uol.com.br

\*\* Myrian Conceição Crusoé Rocha Sales é doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestra em Língua e Cultura (UFBA) e graduada em

Letras, habilitação em Português/ Inglês - Licenciatura Plena pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente, é Professora do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (Emitec) do Governo do Estado da Bahia e Professora Formadora de Língua Portuguesa. E-mail: myriancrusoe@gmail.com

<sup>1</sup> Após revisão desse conceito de 2018, o mesmo sofreu sutis modificações.

<sup>2</sup> Expressão parafraseada do livro *Estética da criação verbal*: “Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear.” (Bakhtin, 1997, p.319).

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismos e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Mariana Yaguello. 13ª edição. Editora HUCITEC, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discourse in life and discourse in art - concerning sociological poetics**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-78.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (Org.). **O texto e seus conceitos**. 1. ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 13-30.

CONHEÇA A HISTÓRIA POR TRÁS DO CARTAZ SÍMBOLO DO FEMINISMO QUE NÃO FOI CRIADO COM ESSA INTENÇÃO. Ano de publicação: 2017. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/12/conheca-a-historia-por-tras-de-rosie-o-cartaz-simbolo-do-feminismo-que-nao-foi-criado-com-essa-intencao/>>. Acesso em> 20 abr. 2019

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. Vol. 3, 2ª ed. Curitiba: Base, 2010

HEINE, Lícia [et al.]. Traçando novos caminhos: a Fase Bakhtiniana. In: HEINE, Lícia [et al.]. **O texto no livro didático: reflexões e sugestões**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 46 – 67

HEINE, Lícia [et al.]. O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase na Linguística Textual. In: HEINE, Lícia [et al.]. **Inquietações do texto e do discurso: interpelações, debates e embates**. Salvador: EDUFBA, 2018a. p. 15 – 32



HEINE, Lícia Bahia. A Anáfora semiotizada no texto enquanto evento dialógico. In: SANTOS, Elmo. (Org). **Discursos e poderes**: linguagem, teorias e análises. Salvador: EDUFBA, 2018b. P. 191 – 210.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Curso de Linguística de Texto**. Texto mimeografado de palestra proferida na Universidade Federal de Pernambuco. 2003

PRESSE, France. **Morre aos 96 anos a heroína de cartaz símbolo do feminismo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/morre-aos-96-anos-a-heroína-de-cartaz-simbolo-do-feminismo.ghtml>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SÉRIOT, Patrick. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido em: abril de 2019.  
Aprovado em: agosto de 2019.